

João Pedro Barreiros

---

O ARQUIPÉLAGO DE  
MASCARENHAS –  
BREVE HISTÓRIA  
DE UM DESASTRE  
ECOLÓGICO

---



George Edwards's picture of the dodo  
Roelandt Savery, c. 1626  
<https://commons.wikimedia.org>  
(parcial)

João Pedro Barreiros nasceu em Lisboa a 21 de Outubro de 1964 oriundo de uma família macaense, tendo vivido em Angola e em Lisboa, mas optando por estudar e viver nos Açores no final do ensino secundário. Já licenciado em Engenharia Zootécnica, ingressa na Universidade dos Açores, como Assistente Estagiário, em 1991. Em 1995 defende as provas de aptidão pedagógica e capacidade científica na especialidade de Etologia Animal e, em 2001 conclui o doutoramento em Biologia/Ecologia Animal. Em 2008 defende provas de agregação em Etologia Animal sendo, actualmente, Professor Auxiliar com agregação pela Universidade dos Açores onde é docente de disciplinas várias nas licenciaturas de Natureza e Património, Ciências Agrárias, Medicina Veterinária e no mestrado em Engenharia Zootécnica. Autor e co-autor de mais de 90 publicações em revistas internacionais com arbitragem científica bem como de vários artigos de divulgação científica, crónicas e livros, tem direccionado a sua investigação sobretudo em predadores aquáticos nos Açores, Golfo da Guiné e Brasil onde, nos últimos anos, se tem dedicado principalmente à bacia amazónica. Ilustrador científico membro do Guild of Natural Science Illustrators, dedica-se igualmente ao estudo de guitarra clássica. Desde muito jovem que o mar representa uma parte importante na sua vida, tanto como investigador como na prática de caça submarina, modalidade que alia aos seus trabalhos como técnica de recolha de dados. Pertence a diversas associações nacionais e internacionais nomeadamente, desde 2014, como membro correspondente, na Classe de Artes, Letras e Ciências da Academia de Marinha.

## A DESCOBERTA

O Arquipélago de Mascarenhas, localizado na região SSW do Oceano Índico cerca de 700 a 1500 km a leste da grande ilha de Madagascar, é composto por três ilhas principais – Reunião, Maurícia e Rodrigues – e vários atóis, montes submarinos e recifes adjacentes. De origem vulcânica, as partes mais antigas, hoje muito erodidas e reduzidas a atóis de coral, têm cerca de 35 milhões de anos (MA). De entre as ilhas principais, a mais antiga é Maurícia com 8 a 10 MA. Sabe-se que, pelo menos Maurícia e Reunião, foram mapeadas por navegadores árabes no séc. X e eram conhecidas, respectivamente, pelos nomes de Dina Arobi e Dina Morgabin. Porém, a descoberta do Arquipélago é historicamente atribuída ao navegador português Diogo Fernandes Pereira, em 1507, que as baptizou de Mascarenhas em honra do Vice-Rei da Índia D. Pedro de Mascarenhas. A ilha Maurícia deve o seu nome ao Governador holandês Príncipe Maurício de Nassau embora os portugueses a tenham designado inicialmente por ilha Cirne. Nessa fase inicial, a ilha de Reunião foi baptizada de Santa Apolónia e a de Rodrigues deve o seu nome a outro navegador português – Diogo Rodrigues.

Até aos finais do séc. XVI, todo o arquipélago manteve-se sob domínio nominal português, embora sem nenhum processo de colonização consistente, até que, por volta de 1598, os holandeses se apoderaram das três ilhas. Em 1649 os franceses ocupam Santa Apolónia (que passa a designar-se por ilha Bourbon em honra da dinastia reinante) e Maurícia e em 1691 de Rodrigues até à conquista britânica do arquipélago entre 1809 e 1810. Neste período, a ilha de Reunião foi designada por ilha Bonaparte tendo sido a única devolvida ao domínio francês, sendo hoje um departamento ultramarino daquele país. Houve, também, e durante o período Napoleónico, uma ocupação provisória portuguesa desta mesma ilha. Maurícia e Reunião integraram o Império Britânico até à independência, em 1968, sendo hoje um país membro da Commonwealth.

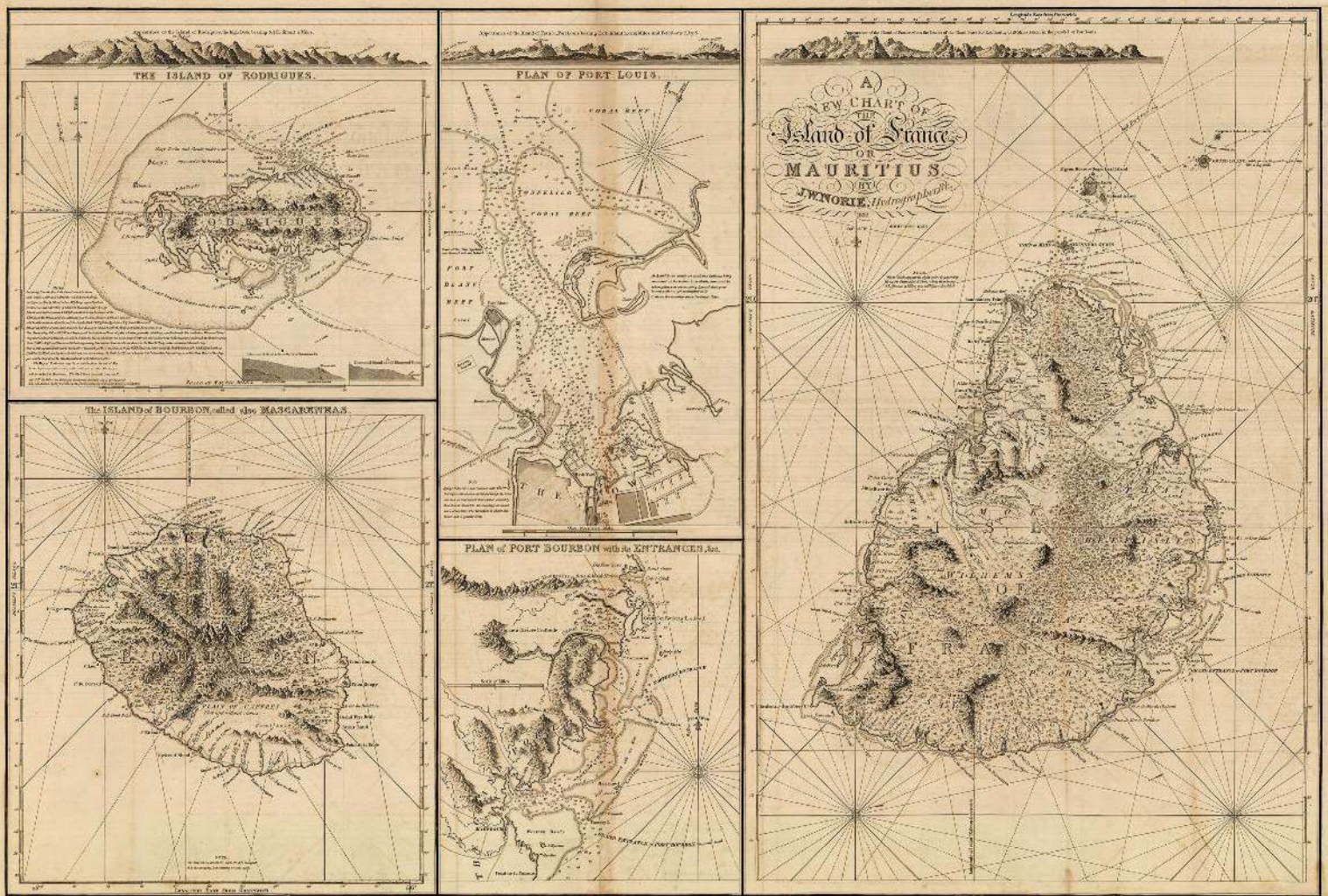
Durante uma boa parte do séc. XVI sabe-se que, pelo menos, as ilhas de Reunião e Rodrigues foram povoadas

por grupos de exilados, desterrados e piratas. Terá sido nesta altura que a absolutamente única fauna – sobretudo avifauna – deste “paraíso”, terá começado a desaparecer a passos largos.

## AS ESPÉCIES ENDÉMICAS E A COLONIZAÇÃO

O Arquipélago de Mascarenhas constitui uma região zoogeográfica e botânica única. Um dos raros grupos de ilhas que “escapou” mais tempo à invasão humana. Porém, essa fauna, tal como acontece em muitos outros casos de longa evolução isolada em ilhas (p. ex. Hawaii, Nova Zelândia, ilha de Natal, Galápagos ou mesmo a imensa Madagascar), quando confrontada com pressões vindas de ecossistemas muito competitivos, pura e simplesmente não consegue sobreviver e tende a desaparecer rapidamente. Foi o que aconteceu neste canto do Índico.

A pressão humana com caça, recolha de ovos, abate de centenas de milhar de aves que, como também acontece nestas faunas isoladas, perderam a capacidade de vôo, juntamente com a introdução de zoonoses, de ratazanas, gatos, cães e macacos, precipitou o descalabro tão popularmente personificado na ave mais emblemática do Arquipélago: o Dodó de Maurícia, *Raphus cuculatus*. Um grande columbiforme, um pombo gigante não voador, com cerca de 18 kg e asas rudimentares sem capacidade para o vôo, provavelmente circunscrito aos primeiros ambientes a serem destruídos por espécies invasoras e plantações e que, embora extinto desde 1681, ainda faz parte do imaginário humano sendo inclusive, um personagem central no célebre “Alice no País das Maravilhas”. Juntamente com os seus parentes próximos de Reunião (*Raphus solitarius*) e de Rodrigues (*Pezohaps solitaria*), tornou-se um símbolo de extinção e está na origem da expressão inglesa “as dead as a Dodo”, ainda hoje usada para indicar algo que está, definitivamente, defunto. Hoje, tudo o que resta do Dodó de Maurícia, para além de algumas peças ósseas dispersas



Mauritius, Réunion and Rodrigues –  
 Mascarene islands, 1852  
 John William Norie / William Heather  
<https://www.pahor.de>

por vários museus na Europa, são uma cabeça e uma pata mumificadas no Museu Ashmoleano de Oxford. Em 1755, já muito depois da espécie se encontrar extinta, um exemplar embalsamado foi destinado ao crematório por se estar a decompor. Porém, um funcionário anónimo tomou a iniciativa de cortar essas peças antes da incineração. São tudo o que resta de mais substancial desta ave que, agora, ilustra vários locais e marcas tanto na Reunião como nas Maurícias com destaque para a cerveja reunionesa “Bourbon – la dodo lé la”. No início do séc. XVIII a pequena raposa voadora de Reunião e Maurícia, na verdade um morcego diurno, *Pteropus subniger*, desapareceu de vez seguido do pombo-azul-de-Maurícia, *Alectroenas nitidissima*, em 1826, do papagaio de Reunião, *Mascarinus mascarinus*, em 1834, da única e graciosa ave Huppe, *Fregilupus varius*, também de Reunião, em 1840 e do periquito de Newton, *Psittacula exsul*, de Rodrigues, em 1875 para só citar as mais conhecidas e melhor documentadas. Muitas outras espécies desapareceram nesta altura, mas o seu aspecto nunca chegou a ser descrito/ilustrado com precisão. São disto exemplo o íbis não voador de Reunião, as garças nocturnas de Maurícia e Rodrigues, duas espécies de patos de Maurícia, duas espécies de galinhas de Maurícia e Rodrigues, a galinha das Mascarenhas, os próprios “Dodós” de Reunião e de Rodrigues, o pombo de Rodrigues, dois papagaios de Maurícia e um de Rodrigues, o mocho de Maurícia, uma espécie de falcão e o estorninho de Rodrigues. Estas espécies são apenas uma pequena “amostra” do que se perdeu e todos os anos se descobrem ossos e semi-fósseis de novas espécies que sucumbiram à hecatombe.

A vegetação das ilhas, estendendo-se de zonas húmidas e pantanosas costeiras, florestas secas de baixa altitude, florestas pluviais e savanas até florestas de espécies decíduas de altitude e, no caso de Reunião, vegetação endémica de picos vulcânicos activos encontra-se, hoje, praticamente destruída. O que resta está num elevado estado de degradação causado, sobretudo, pela introdução de espécies exóticas. A ilha de Reunião, porém, tem sido consistentemente reflorestada e hoje o coberto abrange cerca de 40% da área total. Sobrevivem cerca de 38 géneros e 695 espécies de flora endémica.

## O FIM DO “PARAÍSO”

A outrora rica e única avifauna deste arquipélago, encontra-se reduzida a 16 espécies endémicas sendo que sete na Maurícia, quatro em Reunião e apenas duas em Rodrigues. Todas estão catalogadas com um estatuto de ameaça que vai de vulnerável a criticamente ameaçado. A estas juntam-se ainda três espécies nativas a todo o arquipélago. Apenas ocorrem nas poucas manchas florestais nativas que se encontram preservadas com destaque para o Parque Nacional da Reunião, considerado Património Mundial da Humanidade.

Os únicos mamíferos endémicos das Mascarenhas são os morcegos diurnos, *Pteropus niger*, considerado vulnerável, e de Rodrigues, *Pteropus rodricensis*, que está criticamente ameaçado. Desflorestação, caça, espécies introduzidas e ciclones são, hoje, as principais ameaças a estes animais únicos e o seu futuro apresenta-se, claramente, muito sombrio.

Existem ainda 13 espécies endémicas de répteis e um número desconhecido de invertebrados todos eles muito raros e vulneráveis devido às mesmas razões acima apontadas.

Maurícia possui uma das mais elevadas densidades populacionais do Mundo com cerca de 634 habitantes por km<sup>2</sup> sendo um factor de imensa pressão sobre a possibilidade de recuperação de pelo menos parte do coberto florestal. Como vimos acima, a ilha de Reunião ainda tem 40% da sua área florestada. Maurícia, porém, possui apenas 5% e Rodrigues um vestigial 1%. Ao longo destes 500 anos de ocupação humana foram vários os factores que levaram a um impacto destrutivo tão elevado: agricultura e introdução de plantas endémicas na Reunião, plantações de cana-de-açúcar, chá e coníferas, nomeadamente a conhecida *Cryptomeria japonica*, na Maurícia e o efeito avassalador de animais exóticos e práticas agro-pecuárias em Rodrigues.

Os *habitats* desta ecorregião única encontram-se severamente sub-protegidos e os parques e reservas são

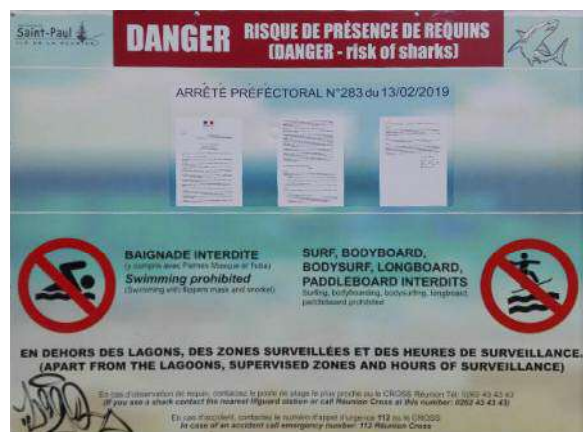
de pequena e insuficiente dimensão embora esforços recentes, sobretudo em Reunião e Maurícia, comecem a dar resultados com destaque para o, já mencionado, Parque Nacional da Reunião e o Parque Nacional do Rio Negro na Maurícia. Rodrigues, por seu lado, apenas tem cerca de 0,58 km<sup>2</sup> protegidos, sendo dois em pequenos ilhéus e apenas um na ilha principal.

Apesar destes esforços, todos os *habitats* nativos e espécies endémicas do arquipélago de Mascarenhas estão sujeitos a vários tipos de contínuas ameaças. Desde algumas plantas que se encontram reduzidas a apenas um indivíduo até ao imenso problema causado por animais exóticos introduzidos tais como porcos, veados, macacos – ausente de Reunião – e mesmo alguns gastrópodes terrestres que dizimam a vegetação local. Como foi sempre habitual na colonização de ilhas isoladas, a introdução, voluntária ou involuntária, de ratos, ratazanas, cães, gatos e mangustos (estes últimos não existem na Reunião) causaram um factor intenso de predação sobretudo sobre aves endémicas a que se juntam, também, muitas aves exóticas que com aquelas competem por alimentos, espaço e mesmo como predadoras. A intensa actividade vulcânica de Reunião, sobretudo do famoso Piton de la Fournaise, na costa SSE, e os ciclones tropicais por vezes de extrema violência, constituem, igualmente, uma ameaça para populações já de si muito reduzidas de espécies endémicas, tanto de plantas como de animais.

## EPÍLOGO

Durante parte do passado mês de Fevereiro estive na ilha de Reunião no âmbito do projecto Erasmus+ de mobilidade de Docentes Universitários. Entre muitos aspectos que me marcaram nessa viagem, destaco os seguintes: a) só observei aves e répteis exóticos; b) apenas nas zonas de maior altitude encontrei manchas consistentes de floresta nativa e; c) em nenhum outro local de África onde já estive me apercebi da quase ausência de insectos, nomeadamente nocturnos, para além das baratas, introduzidas, que são tão comuns nos Açores: *Periplaneta americana*.

Devido ao crescente número de ataques de tubarões-tigre e de tubarões-touro na Reunião, cartazes como o que aqui se mostra, são parte comum dos avisos a residentes e viajantes. 🐠



Nota:

Terminei este artigo no dia 23 de Março de 2020 em plena expansão exponencial da pandemia causada pelo vírus SARS Coronavirus 2. Neste dia, o Mundo contabiliza 373.647 infectados dos quais 16.319 resultaram em óbitos.



Pombo-azul-de-Maurícia,  
*Alectroenas nitidissima*  
Ilustração por G. Haasbroek, c. 1790  
<https://pt.wikipedia.org/>



Papagaio de Reunião,  
*Mascarinus mascarinus*  
Ilustração por John G. Keulemans, 1907  
<https://pt.wikipedia.org/>



Ave de "huppe",  
*Fregilupus varius*  
Ilustração por John G. Keulemans, 1907  
<https://pt.wikipedia.org/>



Periquito de Newton,  
*Psittacula exsul*  
Ilustração por John G. Keulemans, 1907  
<https://pt.wikipedia.org/>



Cirque de Mafate,  
ilha de Reunião  
[www.krone.at/2071350](http://www.krone.at/2071350)

---

## REFERÊNCIAS SUGERIDAS

Adler, G. H. 1994. "Avifaunal diversity and Endemism on Tropical Indian Ocean Islands". *Journal of Biogeography* 21: 85-95.

Barre, N. 1988. "Une Avifaune Menacée: Les Oiseaux de la Réunion", Pages 167-196 in J. C. Thibault and I. Guyot, editors, *Livre Rouge des Oiseaux Menacés des Régions Françaises D'outre-mer*. International Council for Bird Preservation, Monograph No. 5.

Mourer-Chauviré, C., R. Bour, S. Ribes, & F. Moutou. 1999. "The avifauna of Réunion Island (Mascarene Islands) at the time of the arrival of the first europeans". *Smithsonian Contributions to Paleobiology* 89: 1-38.

WWF and IUCN, 1994. *Centers of plant diversity. A guide and strategy for their conservation*. Volume 1. Europe, Africa, South West Asia and the Middle East. IUCN Publications Unit, Cambridge, United Kingdom.